

Exercício do olhar Para quem e para além da mesma história tantas vezes lida

Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos¹ (UFSC)

Resumo:

Desde o século XIX, a unidade lingüística é ponto de partida da soberania nacional. Se, por um lado, a Lei de 24 de abril de 2002 sanciona a Língua Brasileira de Sinais – Libras – como meio legal de comunicação; por outro, no parágrafo único consta: “Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa”. Em 2007, criou-se o Curso de Letras Libras sediado na UFSC com articulação em mais dez universidades federais, e a disciplina Introdução aos Estudos Literários inicia o Curso. Mas, afinal, qual a literatura que se deve introduzir? Que memória cultural pode ser apreendida por universitários surdos, cuja relação com a fala e os conteúdos selecionados pelos professores de Literatura é mediada pelo gesto do intérprete, em um processo de tradução cultural? O que dizem a palavra impressa, os livros, as bibliotecas, os acervos, enquanto sustentação de uma história da literatura brasileira, para quem a lê como “literatura estrangeira”? Que Barroco, que Romantismo, que Realismo, que Modernismo serve para estes leitores do corpo e dos gestos? Talvez ainda seja preciso alcançar sistemas de escrituras, de visualidades literárias que abarquem outros paradigmas de construção de uma memória cultural brasileira apreendida para além/para quem da palavra falada, do texto escrito e da obra impressa.

Palavras-chave: Libras, Língua Brasileira de Sinais, Curso de Letras Libras, UFSC, Estudos Literários

Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades.
Cazuza

Introdução

Joan Scott, em seu ensaio intitulado “Experiência”, começa destacando a dificuldade de se escrever a história da diferença, ou seja, a história da designação do “outro”. Depois de historicizar o conceito experiência e de mostrar como ele é centrado na capacidade que temos de em nome dela – da experiência – reproduzir e transmitir já que ela faz parte da linguagem cotidiana, esta tão imbricada nas nossas narrativas, que seria em vão querer eliminá-la. Experiência, diz ela,

é, ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação. O que conta como experiência não é nem auto-evidente, nem definido; é sempre contestável, portanto, sempre político (SCOTT, 2009)

Assim sendo, eu me sinto à vontade de falar em nome da experiência. Ou da experiência que estou vivendo, depois de muitos anos na Universidade Federal de Santa Catarina como professora do Curso de Letras presencial, pois não poderia ser diferente. Atualmente incluo em meu currículo: professora de Introdução aos Estudos Literários – Libras e membro do conselho editorial que analisa e aprova o material impresso e o ambiente virtual do Curso de Letras Português, os dois na modalidade a distância.

Começo minha reflexão, então, pelo primeiro Curso, porque ele duplica a experiência ou duplica a diferença ao ensinar história da literatura brasileira para alunos surdos e a distância. Desde o século XIX, a unidade lingüística é ponto de partida da soberania nacional. Se, por um lado, a Lei de 24 de abril de 2002 sanciona a Língua Brasileira de Sinais – Libras – como meio legal de comunicação; por outro, no parágrafo único consta: “Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa”, o que reivindica a língua portuguesa em nome da soberania nacional. Apoiado na lei e em um movimento social e cultural sedimentado, em 2006-2007 iniciou-se o Curso de Letras Libras sediado na UFSC na modalidade a distância com articulação em mais nove universidades, institutos especializados ou centros federais de educação. A disciplina *Introdução aos Estudos*

Literários foi, em um primeiro momento, ministrada por mim e pelo meu colega de Universidade, Alckmar Luiz dos Santos¹. E iniciamos o Curso junto com uma disciplina intitulada *Fundamentos para a Educação do Surdo* que foi antecedida por Introdução ao Ensino a Distância.

Pensando na nossa disciplina, simultânea a duas disciplinas básicas, específicas e instrumentais, que estudos literários se deveria introduzir? Que memória cultural poderia ser apreendida por universitários surdos, cuja relação com a nossa fala, a nossa escrita e os conteúdos selecionados pelos professores de Literatura precisa ser mediada pelos gestos do intérprete, por uma *performance* do corpo em um processo de tradução cultural? O que dizem a palavra impressa, os livros, as bibliotecas, os acervos, a teoria e a crítica, enquanto sustentação de uma história da literatura brasileira, para quem a lê como “literatura estrangeira” e não conseguiu ter domínio de escrita e leitura das normas da língua portuguesa impressa? Que Barroco, que Romantismo, que Realismo, que Modernismo, que Vieira, que Drummond, serve para estes leitores do corpo e dos gestos? Essa foi a primeira motivação da escrita deste texto. Talvez seja preciso, com certa urgência, alcançar sistemas de escrituras, de visualidades literárias que abarquem outros paradigmas de construção de uma memória cultural brasileira apreendida para além/para aquém da palavra falada, do texto escrito e da obra impressa. Da impressão para a expressão.

Volto à especificidade do Curso Letras Libras e, posteriormente porque de igual importância, quero fazer uma leitura sobre o material que a eles, e aos outros alunos do Curso Letras Português a distância - e distância aqui assume o sentido semântico mais amplo possível - estamos oferecendo². A tensão cultural vem sendo resolvida ou administrada em um processo complexo de aprendizagem e entendimento da cultura do outro, do conflito entre uma língua portuguesa impressa e falada e uma língua de sinais, brasileira, mediada por um intérprete, um tradutor cultural. Mais ainda: um contato mediado pelas videoaulas, videoconferências, roteiros, ambientes virtuais, gestos possíveis de entendimento.

Em nome desta experiência contestável e sempre política, como avalia Joan Scott, eu deveria, em primeiro lugar, falar da minha (não) relação anterior com a cultura surda, relação estabelecida pelo “olhar surdo que exige traduções culturais, que se tornam condições da relação e do encontro com o outro” (QUADROS e MAZZUTTI, 2007) o que me levou a buscar entender as construções identitárias, apoiada em Stuart Hall (2004), que se fazem no interior de contextos sociais, históricos e culturais, que determinam a posição dos agentes e, por isso mesmo, orientam as suas representações e suas escolhas.

Procuramos aqui refletir sobre questões fundamentais da literatura e da cultura latino-americana como revisão do sintagma lingüístico; avaliar os usos da linguagem enquanto invenção e criação; discutir a tradição crítica e a historiografia literária nas Américas, focalizando seus métodos, objetivos e conclusões; o resgate de fontes; o levantamento e a discussão do material literário publicado em livros, periódicos, jornais e manuscritos; análise de obras canônicas e não-canônicas. Nesse contexto, nessa procura está a maneira como estamos nos valendo, em tempo de inclusões e novas tecnologias, dos arquivos da memória literária e cultural.

É neste ponto que a minha narrativa se reporta diretamente para a paradoxal experiência: a ausência da fala e do gesto presencial, o futuro tecnológico a serviço da distância, a modalidade nem sempre explícita para os não iniciados em Libras, ou em siglas como AVEA do EAD da UAB³ (ou *AVEA do EAD da UAB...*) nos remetendo de volta ao passado, pois inexoravelmente estamos rea-

¹ Em 2008 começa a segunda turma e a disciplina sofre alterações e será ministrada por mim e por um professor bilíngüe. Todos os textos, inclusive as provas, atividades e avaliações, serão traduzidas para Libras. Os fóruns serão mantidos em Língua Portuguesa.

² O início da educação institucional e pública dos surdos começou na França, na segunda metade do século XVIII no Instituto de Jovens Surdos no País.

³ Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem do Ensino a Distância da Universidade Aberta do Brasil.

preendendo a escrever manuais, estudos dirigidos, provas de múltipla escolha, trabalhando com excertos, escrevendo antologias, críticas e literárias, escrevendo discursiva e cartesianamente nossas aulas, começo, meio e fim, ilustrando com fragmentos, selecionando o cânone entre os cânones. Há muito tempo a historiografia e o discurso crítico não haviam sido tão recortados e tão seletivos. Nunca mais tínhamos nos valido das certezas positivistas da historiografia e nunca carecemos tanto da ausência de uma história das visualidades e dos acervos digitais como agora.

Em pleno século XXI me reporto, então, às reflexões acerca dos manuais, feitas por Roland Barthes em 1976 (BARTHES, 2008), ao império da eloquência, evocando a retórica disciplinar do século XVIII e XIX estudado por Roberto Acizelo de Souza e, mais recentemente, à reflexão sobre as antologias feitas por Luis Rufatto, para entender essa nossa nova produção acadêmica. Cito agora a epígrafe deste meu texto: “Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades”.

Para ilustrar vamos aos manuais. Roland Barthes, em “Reflexões a respeito de um manual” diz que a história da literatura é um objeto essencialmente escolar, que só existe por seu ensino. A literatura por sua vez é um objeto de ensino feita de monemas: autores, obras, escolas, movimentos, gêneros e séculos. Sobre esses objetos a combinação de traços e predicados, quase sempre em oposição: Romantismo/Classicismo; Romantismo/Realismo produzindo individualidades ou certos indivíduos literários. É assim que nos manuais, os próprios séculos acabam por apresentar-se sempre de maneira paradigmática. Diz diretamente Barthes sobre estas questões:

As antologias servem, de maneira geral, para evidenciar e consolidar nomes, e serão tanto mais significativas quanto maior a capacidade de apreensão do “espírito do tempo”, demonstrada pelo responsável pela escolha dos autores. Ao fim e ao cabo, trata-se de um esforço para normatizar o gosto literário, baseado em interesse os mais diversos, sejam da sociedade, do mercado editorial ou de grupos marginalizados ou não (...). Mesmo as seletas geracionais, que prescindem dessa mescla, necessitam, para serem aceitas, de um garantidor que pode ser o autor de prestígio que assina a apresentação do livro, a editora que empresta crédito ao projeto, ou o grupo que sustenta a ação. (RUFATTO, 2008.)

Neste futuro repetindo o passado naquilo que não devemos hoje chamar apenas de livro, mas material impresso, guia de estudo, porque o objeto livro, seu conteúdo, fica a serviço da interação virtual, vemos a combinação do manual pensado por Barthes com uma estética das antologias, dos fragmentos, que buscam operar nos universitários a assimilação das informações, o gosto, o pensamento crítico, motivando e remetendo à leitura das obras como um todo. Uma motivação a distância, ainda que amparados nos pólos por uma estrutura física, não mais mediados pelo pensamento imediato e pela presença de um professor da disciplina cuja voz permanece imperativa nos comandos: escritos: *Leia. Leia mais!*

Não é em vão que os intermediários vão se chamar tutores. A cátedra volta a existir: graduandos, mestrandos, mestres, doutorandos e doutores, assistentes, tornam-se tutores, estabelecendo o diálogo virtual e presencial, uma imprescindível participação colaborativa. Estou aqui me remetendo tanto ao Curso de Letras Libras quanto o de Letras Português, em seis pólos, essa geografia de pólos, que nos leva a idéia de um outro extremo, a opostos, a algum lugar.

Na dúvida e na tensão do diálogo como este que estabeleço agora – porque paradoxalmente me rendi aos ambientes virtuais, a voz da experiência provisória e crítica debatem-se na avaliação do material e nas próprias escolhas. Os arquivos da memória literária, da memória cultural e os acervos constituem um importante instrumento de leitura a serviço dos silenciosos e/ou distantes. Dos barulhentos e próximos. Se as certezas da historiografia, as assertivas informacionais, a gramática dos estilos, os manuais, as múltiplas escolhas, as antologias têm nos permitido alguns acertos provisórios nessa forma de ensino, nosso corpo precisa de outros gestos que não apenas aos que estamos acostumados. Para os surdos e para os ouvintes. A distância.

Retomo Roland Barthes quando nos recomenda fazer de nós mesmos o centro dessa história. E nesse ponto entra Bakhtin (1988) e a busca ao diálogo, o dialogismo desejado, a escritura, ao mesmo tempo, como subjetividade e comunicabilidade, a existência sempre de um outro, nos textos que escrevemos. Porque a despeito dos manuais, dos fragmentos, do gosto literário pelo exemplo, pelo antológico, pela seletiva dos cânones, ensinar a distância nos leva a alguma coisa que a presença nos desobriga. *Você lembra o que vimos na Unidade 3? Recuperar o início de minha explicação. Volte à aula anterior. Reveja agora o que vimos sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha. Localize agora o poema “Se eu morrer amanhã” do poeta romântico Álvares de Azevedo em www.literaturabrasileira.ufsc.br Leia. Leia mais!* Gestos automáticos para uns, gestos de interpretação para outros. Performances. Buscas, perdas, memória e esquecimento.

Nesta geografia e nos deslocamentos teóricos a síntese da minha experiência desejou trazer à tona questões contemporâneas das necessidades pragmáticas que estabelecemos com os arquivos da memória e com a história da literatura. Ou das literaturas. Há processos contínuos de mudança na relação que se estabelece entre o conhecimento acumulado e uma prática individualizada. Coleções, acervos, bibliotecas, obras, acervos, conclamam ao coletivo, à troca, à doação, à procura, à organização, a novos formatos. Sinto-me, a despeito de pressentir “um museu de grandes novidades”, muito mais integrada do que apocalíptica, porque no momento em que escrevo, tudo o que aqui represento – na provisoriedade de uma experiência - já atingiu o estatuto universitário de grandes projetos disseminatórios.

Conclusão

Volto ao futuro repetindo o passado, traduzindo culturalmente a escrita em língua portuguesa de um dos alunos da UFSC, Letras Libras, pólo da Universidade Federal do Ceará, acompanhada de um anexo com duas fotografias: *Barroco anjos visitei igreja São Luis Maranhão*; ou a escrita da aluna ouvinte do Curso Letras-Portuguesa de Cidade Gaúcha no Paraná: *Não existe ainda o livro do autor Alfredo Bosi na minha cidade*. Na falta dos conectivos, na inversão sintática, na apreensão pela experiência do olhar ou na carência e na falta material de um outro, Alfredo Bosi, desconhecido por isso também silenciado, está a necessidade de que se continue a revisitar, reconstruir e reconstituir paradigmas da memória cultural brasileira, onde se democratize Literatura, Arte, Realidade e Sentido. (MELLO, 1999, p. 227). Objetivar, experimentar e problematizar, por exemplo, os conceitos de Romantismo, de Modernismo ou de Barroco, como modos sócio-históricos de olhar. O literário, o livro, se ressentem, mais do que antes, do pictórico, do fílmico, do imagético, do sonoro, da literatura em meio eletrônico, esses campos instáveis que ao lado da palavra escrita são produtores de sentidos. O sistema literário deve se somar ao sistema figurativo de uma memória cultural mesmo que ainda precisemos continuar recolhendo ou reconhecendo.

O material que estamos produzindo na UFSC para outros ou para o Outro, cuja depositária é a CAPES⁴ - manuais, guias, antologias – exercício de escrita por tantos anos desaprendido, quer resultar no pacto entre o lembrar e o esquecer sem comprometer os atos de ver com olhos cada mais

⁴ Art. 25. À Diretoria de Educação a Distância compete: I - fomentar as instituições públicas de ensino superior e pólos municipais de apoio presencial, visando a oferta de qualidade de cursos de licenciatura na modalidade a distância; II - articular as instituições públicas de ensino superior aos pólos municipais de apoio presencial, no âmbito da Universidade Aberta do Brasil - UAB; III - subsidiar a formulação de políticas de formação inicial e continuada de professores, potencializando o uso da metodologia da educação a distância, especialmente no âmbito da UAB; IV - apoiar a formação inicial e continuada de profissionais da educação básica, mediante concessão de bolsas e auxílios para docentes e tutores nas instituições públicas de ensino superior e tutores presenciais e coordenadores nos pólos municipais de apoio presencial; e V - planejar, coordenar e avaliar, no âmbito das ações de fomento, a oferta de cursos superiores na modalidade a distância pelas instituições públicas e a infra-estrutura física e de pessoal dos pólos municipais de apoio presencial, em apoio à formação inicial e continuada de professores para a educação básica.

livres e de ler na gramática de nossa literatura, autores, obras, textos e leitores, mesmo onde quase nada parece ter sido escrito. E como este é um texto que se apóia em Barthes vou ler a distância como ele ao falar de cinema:

Aquilo que me sirvo para tomar distância com relação à imagem, eis, afinal de contas, o que me fascina: sou hipnotizado pela distância; e essa distância não é crítica (intelectual); é, por assim dizer, uma distância amorosa (BARTHES, 1988)

Há na distância, na interação aluno do pólo, tutor e professor no outro extremo, um constante tecer epistolar e quem fala ou escreve sobre literatura acaba redefinindo a própria história da literatura, das bibliotecas e da memória cultural brasileira: *Não existe ainda o livro do autor Alfredo Bosi na minha cidade. Barroco anjos visitei igreja São Luis Maranhão.*

Referências Bibliográficas

- [1] BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- [2] BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- [3] HALL, Stuart. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- [4] MASSUTTI, Mara Lúcia. *Tradução Cultural: Desconstruções logofonocêntricas e zonas de contato entre surdos e ouvintes*. Tese de doutorado defendida na UFSC em 27 de julho de 2007, orientada pela Profa. Dra. Cláudia Lima Costa e co-orientada pela Dra. Ronice Muller de Quadros.
- [5] MELLO, Celina Moreira de. *Modos de apropriação do espaço textual*. In: “Literatura. História e Memória”. In: Gragoatá. Revista do curso de Pós-Graduação em Letras. 1 semestre de 1999. Niterói: UFF.
- [6] QUADROS, Ronice M. & MASSUTTI, Mara L. Cotas Brasileiros: Libras e português em zonas de contato. In: QUADROS, Ronice & PERLIN, Gládis. *Estudos Surdos*. V. II. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007.
- [7] RUFATTO, Luiz. “Antologias (1)”. In: *Rascunho*. Ano 9, Curitiba, maio de 2008. <http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=3&lista=1&subsecao=59&ordem=0> Endereço acessado em 12 de julho de 2008.
- [8] RUFATTO, Luiz. “Antologia (2)”. In: *Rascunho*, Ano 9, Curitiba, <http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=3&lista=1&subsecao=59&ordem=0> Endereço acessado em 12 de julho de 2008.
- [9] SCOTT, Joana. “Experiência”. In: RAMOS, Tânia Regina Oliveira et alii. *Falas de Gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- [10] SOUZA, Roberto Acízelo de. *Império da Eloquência*. Rio de Janeiro: EDUERJ; Niterói: EDUFF, 1999.

Autor(es)

¹ **Tânia Regina Oliveira RAMOS, Profa. Dra.**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
E-mail: taniaramos@floripa.com.br